

GESTÃO EM ARTES VISUAIS

Módulo 8

Mediação e Arte Visual.

Unidade 15

Aspectos gerais e recursos

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

*15.1 – Mediação Cultural e
Mediação em Arte Visual.*

A Mediação em Arte Visual pode ser considerada como um desdobramento da *Mediação Cultural* que se refere, em geral, aos modos e maneiras de promover a interação entre objetos culturais e seus usuários.

Tem função ativa e transformadora atuando no processo expositivo. Contribui para a informação, construção e difusão do conhecimento no campo sociocultural como uma *Instância Mediadora* tornando possível a compreensão das manifestações artístico-culturais.

Todo e qualquer contexto cultural é passível de mediação, seja: patrimônio cultural, histórico, ambientes arqueológicos, edificações, parques, reservas ambientais, museus, galerias de arte, zoológicos, aquários, jardins botânicos, enfim, tudo o que foi produzido pela cultura possui história e informações que geram conhecimento, por isto, há necessidade de promover sua preservação e difusão no sentido de garantir a continuidade de sua existência e manter sua memória.

Para atender aos interesses e características de cada campo, podem ser usadas diversas estratégias de mediação, desde visitas orientadas ou guiadas, caminhadas, palestras, cursos, apresentações encenadas, placas, etiquetas, mostras de obras de arte, folhetos, montagens interativas, audiovisuais, audioguias e vários outros meios, daí a importância de mediadores que interajam ativamente idealizando e produzindo tais processos.

É necessário destacar que a Mediação Cultural, tem por objetivos, além de informar, promover a compreensão conceitual, histórica e social, como também estimular a reflexão e o senso crítico sobre tais conhecimentos. O potencial informativo é um fator relevante para o desenvolvimento da mediação em várias áreas do conhecimento e, em especial, para a Mediação Artística na Arte Visual que faz parte das realizações humanas desde o início.

O contexto da Mediação é interativo e depende de projetos específicos para cada público, campo de ação ou patrimônio cultural, portanto, este material é uma introdução ao assunto.

Pode-se dizer que, no campo da Arte Visual, a *Mediação* acontece dentro de um contexto amplo e próprio que pode fazer parte da *Curadoria*.

Como se viu a Curadoria é parte da Gestão pois, tudo o que envolve a produção de Eventos em Arte Visual podem ser nela enquadrada.

As atividades de Mediação fazem parte do contexto da Curadoria entre outras que se desdobram e configuram em diferentes ações e fazeres mobilizando e/ou dialogando com outras questões relativas à gestão como logística e organização de espaço, período de realização, divulgação e documentação dedicadas tanto à realização quanto à documentação de eventos artísticos, portanto, um projeto de Evento em Arte Visual, para ser completo, deve incluir a Mediação.

Há vários ambientes nos quais são realizadas mostras de Artes Visuais: Museus, Galerias, Salões privados ou públicos, além de ambientes informais. O que interessa, neste caso, são os eventos oficiais ou oficializados em lugares próprios ou por meio de Aparelhos ou Equipamentos Expositivos, nomes que se atribui também a outros locais ou estruturas destinadas a promover o conhecimento sobre Arte Visual. Neste caso o que interessa, sobretudo, é a visitação a estes eventos.

A visitação é um dos principais objetivos destes eventos e visa promover o acesso do público a eles pois é por meio dela que se promove o a difusão de informações que visam não apenas a realização de uma simples visita, mas um processo de realização do conhecimento.

Portanto, um evento de Arte Visual será bem sucedido se o processo de visitação for bem programado e executado em no que diz respeito à Mediação.

***15.2 – Mediação como
recurso.***

A Mediação se configura, portanto, como um recurso inerente aos projetos de Gestão na medida em que são um estímulo para a interação entre Obras e Espectadores. É por meio dela que se promove a interação do conhecimento entre o material exposto e o público que acessa os ambientes e frequenta os eventos artísticos como os realizados em museus, galerias e demais instituições. Neste sentido é um dos principais meios de promover o conhecimento e a educação.

Por meio dela é possível apresentar meios e estratégias no contexto expositivo capazes de criar interações informativas entre Obras de Arte e o público. Como também de desenvolver as relações de interação amparadas em dados e informações históricas, estéticas e autorais sobre Obras de Arte disponibilizadas pela estrutura expositiva através de meios e recursos como catálogos, audiovisuais e demais possibilidades técnicas selecionadas e oferecidas no ambiente expositivo.

É necessário delimitar o entendimento do viés definido para a organização de uma mostra na medida em que não são apenas imagens que constituem o repertório da Arte Visual contemporânea, à questão da visualidade foram acrescidas de outros recursos poéticos-expressivos que não se referem exclusivamente a obras físicas, figurativas ou não, mas a outras estratégias constitutivas que desafiam os gestores.

Da pré-história ao século XIX as imagens eram produzidas pelas mãos humanas e em sua maioria se referiam ao entorno por meio de observação, cópia, imitação, reprodução e imaginação que, mesmo sendo fruto da mente, não se afastavam da figuratividade inspirada pelo mundo natural. Apenas no século XIX é que aconteceram duas grandes mudanças: o surgimento das Imagens Técnicas e o Modernismo.

As Imagens Técnicas são aquelas produzidas por aparelhos, inicialmente a fotografia, depois o cinema, mais tarde o vídeo e os meios digitais de produção. O Modernismo o advento de ruptura com a visão tradicional de Arte instaurada desde a antiguidade clássica greco-romana e revivida pelas academias do Renascimento depois pelo Neoclassicismo e difundida pelas escolas de Belas Artes francesas.

Desde os primeiros tempos os processos de produção artísticos eram baseados na Plástica. Este termo deriva do grego *plastikós* que se refere à docilidade da argila em aceitar as interferências e transformações impostas a ela, por extrapolação, as chamadas Artes Plásticas, são as que operam por meio da manipulação de materiais, instrumentos e ferramentas capazes de impor formas e ideias às imagens criando obras objetuais.

Mesmo após a ocorrência das Vanguardas Artísticas, não aconteceram mudanças substanciais nos modos de fazer, apenas atualizaram e passaram a explorar e experimentar novos materiais e soluções plásticas. A principal mudança ocorre quando as Imagens Técnicas passam a ser aceitas como poéticas artísticas em “pé de igualdade” com os demais modos de criação de imagens manuais, a partir de então o nome muda:

Surge a Arte Visual. Este termo é mais abrangente na medida em que mantém as práticas plásticas anteriores e incluem as tecnológicas. Assim fotografia, cinema e audiovisual passam a fazer parte deste universo estético. Entretanto, outras tendências surgiram a partir do Modernismo, entendidas aqui e ali como Pós-Modernas. É o caso das manifestações Conceituais, Instalações, Intervenções ambientais, espaciais, Performances em ambiente e/ou em rede.

Portanto, quando se fala em Arte Visual, nem sempre se refere apenas a visualidade mas a apreensão sensível integral. Uma instalação, por exemplo, não é apenas “Visual” mas *Imersiva* pois requer não só o sentido da visão, mas o tato, audição, em alguns casos o olfato e em outros até o paladar. Enfim, chamar a tudo isto de Arte Visual é reduzir muito os processos produtivos e de significação e conseqüentemente os processos de apreciação.

Daí a importância que as Curadorias e Mediações passaram a ter na Gestão de eventos desde as últimas décadas do século passado. Tendo tais aspectos em vista, é necessário estabelecer estratégias de aproximação com as Obras de Arte Visual. Uma das principais questões é pensar no público para o qual se elaboram as Mediações em relação às suas características sociais, faixa etária ou condições e/ou limitações. Assim é possível estabelecer um caminho para a elaboração de projetos de Mediação.

Pode-se começar pensando em *Tipos de Mediação*.

Se a Mediação é uma ponte entre as obras e seus espectadores, como definir, construir, formatar ou escolher estas pontes?

Então: planejar é preciso!

Qualquer planejamento que se preze deve levar em consideração *o que, como e para quem* se planeja. Um bom planejamento deve considerar as variáveis possíveis no que diz respeito a condições logísticas e aos públicos que visa ou acederá ao evento.

Quando se fala de Mediação em Arte Visual, o objetivo é promover o conhecimento sobre ela. As Obras de Arte possuem e/ou apresentam características formais, matéricas, constitutivas, estilísticas e conceituais diversas. Então como realizar mediações diante de tal complexidade?

Aqui entram os especialistas, pesquisadores e estudiosos. A mediação começa pelo conhecimento daquilo que se pretende mediar e os modos de fazer isto.

Uma coisa que deve ficar clara quando se dispõe a Mediar a interação com Obras de Arte é não deixar a apreciação em aberto, mas ordená-la em função de dados contidos nelas como origem, autor, lugar, período, procedimentos técnicos, materiais e proposições para o aqui e agora. A apreciação deve ser revestida de informações, relações e correlações capazes de gerar informações e conhecimento não enaltecendo gostos, preferências pessoais ou preconceitos em relação às Obras.

Toda Mediação se origina e se ampara nas Obras em si mesmas e não em inferências especulativas e aleatórias que podem ser sugeridas ou estimuladas por ela. Ela é o *que é* e deve ser respeitada por isto. Aplicar os valores vigentes de hoje às obras do passado ou de outras épocas às de hoje é falsear suas identidades e história. A mediação deve respeitar as determinantes socioculturais que a geraram, daí a importância da interação dos segmentos públicos com tais Obras.

Pode-se tentar estabelecer uma *tipologia* de Mediações tomando por base, por exemplo, as obras e suas características, suas condições técnicas e de apreciação e a disponibilidade dos locais em que se encontram entre outros dados necessários e passíveis de identificação. Primeiramente, é necessário pensar em que e para quem consiste a Mediação Artística, depois nas possibilidades de abordagem como: educativa, museográfica, comercial, informal, etc.

Assim a *Mediação Artística* se refere às estratégias adotadas para estabelecer uma relação de apreensão e compreensão dedicadas às Obras de Arte Visual tendo como referência sua produção, características, formantes, qualidades plásticas e visuais, substâncias de expressão e demais fatores que determinam sua existência, enquanto manifestação sensível acessível aos sentidos, bem como, sua autoria, período, estilo, escola, tendência entre outros dados e fatores relevantes.

Em síntese, são estes dados ou parte deles que compõem os processos de identificação e classificação das Obras de Arte Visual em instituições destinadas a sua guarda e conservação. Uma *ficha de tombo*, por exemplo, é um registro produzido sobre uma obra para preservar seus dados técnicos, ou seja, não conceituais, analíticos ou críticos, mas apenas os que dão conta de sua existência física e preservação. Serve de referência para formular etiquetas de identificação em mostras. A imagem ao lado foi tomada da coleção de livros de Artista, USP – MAC.

<http://eprints.rclis.org/24629/1/Laucicole%20C3%A7aolivro.pdf>



Escolher formato: [Título](#) | [Ficha](#) | [Formato Reduzido](#) | [Nome: MARC](#) | [Código: MARC](#) | [Iniciar nova ficha](#) | [Finalizar ficha](#)

Registro 1 de 1

No. Registro: 002218827

Tipo de material: LIVRO DE ARTISTA

Entrada Principal: [Silveira, Marcelo](#)

Título: [Manual dos Manuais ou Livro das explicações / Fabiana Siqueira \(texto\)](#)

Ingresso: Recife : Editora Apicacô, 2011

Descrição: 1 v. + 1 cartaz. : il.

Idioma: Português

Nota: O livro é composto por entrevista com o artista Marcelo Silveira, com imagens de seus trabalhos, fotografias, poemas e críticas.

Resumo: Textos em português e inglês

Assunto Pessoa: [Silveira, Marcelo](#)

Assunto: [ARTE CONTEMPORÂNEA -- SÉCULO 21 -- BRASIL](#)
[ARTE CONTEMPORÂNEA](#)

Acervo Geral: [Todos os itens](#)

Item na Biblioteca: [Museu de Arte Contemporânea](#) [1](#)

Escolher formato: [Título](#) | [Ficha](#) | [Formato Reduzido](#) | [Nome: MARC](#) | [Código: MARC](#) | [Iniciar nova ficha](#) | [Finalizar ficha](#)

Registros e fichamentos normalmente são atribuídos a Obras Acervadas e dão conta de suas condições físicas e conceituais. No entanto, não são destinadas a Mediação com o público por serem muito técnicas, mas facilitam a elaboração das *etiquetas de identificação* disponíveis junto às obras para atender ao tipo de mostra organizada e apresentada ao público a que se destina. Esta é uma das tarefas para a mediação: elaborar fichas adequadas ao público e ao evento.

As fichas de identificação auxiliam os visitantes com informações sobre as Obras, mas não cobrem o processo de mediação como um todo.

A parte mais importante da Mediação é *quem faz, como faz e para quem faz*.

Mediadores são pessoas preparadas para orientar espectadores e apresentar cada tipo de obra em cada tipo de mostra com o fim de facilitar tanto o processo informativo quanto reflexivo sobre elas numa mostra, num ambiente, num museu etc.

Neste caso o primeiro tipo de Mediação é a *Mediação Guiada*.

Costuma-se chamar assim a esta atividade, quando há a presença de um Mediador, cuja função é guiar/orientar a visita. As funções de Mediação implicam em informações e conhecimentos específicos e dirigidos para os diferentes públicos, logo, não há um só tipo de Mediação, mas vários de acordo com as características dos grupos de visitantes.

A ideia de *Guia* é também e em geral, atribuída ao conjunto de normas e procedimentos que orientam condutas, percursos e informações em instituições da Arte ou de outras áreas. Os museus e instituições que mantêm coleções, arquivos e os expõem, conservam e preservam, costumam editar guias de visita para facilitar a vida dos visitantes. Um exemplo é o Guia do Museu Imperial do Rio de Janeiro:

https://museuimperial.museus.gov.br/images/flippingbook/guia_de_visitacao/guia-visitacao.pdf

Outra nomenclatura que aparece no contexto da Mediação é a de Monitoria. Cabe esclarecer que, neste caso, a definição de Monitoria não deve ser confundida nem se igualar à de Mediação na medida em que não são a mesma coisa. Em geral, no contexto do ensino superior, a figura da Monitoria se refere aos estudantes que se dispõem a auxiliar os colegas no desenvolvimento de atividades pedagógicas em disciplinas para as quais se inscreve em colaboração com docentes para apoiar atividades de caráter didático-pedagógicas dos conteúdos disciplinares.

Para “guiar” os visitantes não basta indicar o caminho, percursos expositivos, mas sim facilitar a apreensão e compreensão das obras e da mostra em si. A Mediação, em geral, está vinculada a projetos educativos dos ambientes culturais e artísticos com a finalidade tanto de orientar as visitas quanto de informar e promover o conhecimento sobre obras e condições gerais dos eventos nos quais esta atividade se insere. É importante o preparo das pessoas que exercerão a Mediação pois são elas que informarão e estimularão visitantes a apreenderem e aprenderem algo à respeito das Obras de Arte.

O Guia pode ser a pessoa que orienta as visitas, muito comum em instituições e ambientes turísticos.

A ideia de *Mediação Guiada*, portanto, consiste na presença de um guia, que irá auxiliar a visita seguindo um roteiro planejado para proporcionar aos visitantes informações suficientes para esclarecer e promover o conhecimento sobre as características e detalhes da mostra. É isto que se propõe como atividade de *Mediação em Arte Visual*.

Para organização desta atividade é desejável a participação nas diferentes etapas da Curadoria de produção de uma mostra de Arte Visual. O conhecimento sobre a mostra e compreensão dos detalhes, informações técnicas, estéticas e conceituais do que irá ser apresentado é essencial para atuar com eficiência em eventos deste tipo. No caso de mostras já prontas ou itinerantes, é necessário participar das orientações ou treinamentos e dominar os dados relevantes.

Um segundo tipo é a *Mediação Virtual*.

Hoje em dia muitas instituições estão disponibilizando “*guias virtuais*”, ou seja, transformando a presença de mediadores em *áudio guias* ou *audiovisuais* disponíveis em vários idiomas inclusive por meio de aplicativos para aparelhos celulares com acesso a dados móveis. Neste caso a Mediação não é feita por uma pessoa que dá assistência aos visitantes, mas por “assistentes” virtuais em programas digitais.

Embora possa haver certas limitações nas mediações virtuais, o hábito crescente da população, em especial os mais jovens, de acessar recursos virtuais, torna possível o uso desta estratégia por diferentes motivos, um deles é a facilidade do uso de plataformas digitais como repositório de dados que podem ser atualizadas continuamente; outro pode ser a manutenção de material de apoio para guias de visita em recursos virtuais como *podcasts* por exemplo.

Um terceiro tipo é a *Mediação Educativa*. Esta é a mais eficiente e menos suscetível de substituição, já que o trabalho didático e pedagógico é pessoal e intransferível. É comum as instituições artísticas contarem com equipes pedagógicas para preparar material, processos de visitação e percursos guiados oferecendo à comunidade e às escolas a possibilidade de atendimento dos estudantes nos eventos por elas promovidos, garantindo a compatibilidade com o nível de formação educacional.

O quarto tipo pode ser o da *Mediação Museográfica*.

A Museografia é o campo de estudos dedicado configuração da estrutura expositiva de um museu com base nas características históricas ou artísticas de seu acervo e, por consequência, a maneira como são definidas as estratégias de apreensão mediante os percursos, procedimentos técnicos e materiais dos dispositivos utilizados na interação com o público.

Uma questão essencial e importante no contexto da Mediação é a da *Acessibilidade*. Há pessoas com dificuldades, deficiências e necessidades que requerem condições especiais para visitação. As mais comuns são as que apresentam limitações em relação ao espaço como o caso dos cadeirantes, para tanto, deve-se prever rampas de acesso e condições de deslocamento no ambiente para estas pessoas.

Contudo, há pessoas portadoras de outros tipos de dificuldades e limitações como auditivas e visuais. Neste caso, há necessidade de projetos e/ou programas especiais para atendimento deste grupo de pessoas. No caso da surdez, pode-se recorrer a mediadores especializados ou a vídeos acessíveis por meio de aplicativos digitais com interpretes em Libras. No entanto, no caso de limitações visuais, a situação é mais complexa.

Os portadores de deficiência visual podem ser cegos ou de baixa visão, qualquer um deles depende de condições especiais para acessarem as informações e obterem conhecimento sobre o campo da Arte Visual, portanto, a Mediação deve recorrer a meios e estratégias também mais complexas para proporcionar a eles o acesso a este campo de conhecimento. Algumas instituições têm investido neste segmento.

O acesso dos portadores de deficiência visual contam com a audição e o tato que podem ser os sentidos estimulados para dar-lhes acesso às informações e conhecimentos sobre Arte Visual. Um primeiro aspecto diz respeito ao deslocamento destas pessoas no espaço expositivo, para isto, é necessário dotar o ambiente de pisos táteis, indicando caminhos e percursos tanto no que diz respeito à visitação quanto aos locais de entrada, escape e segurança ambiental.

Resolvida a questão do deslocamento, resta a questão do acesso às Obras de Arte.

Tradicionalmente as Obras de Arte Visual se manifestam em categorias poéticas que podem ser bidimensionais e/ou tridimensionais. As tridimensionais como objetos, esculturas e montagens podem ser tocadas e daí é possível inferir formas e demais características como textura, material etc.

No entanto, as bidimensionais não são passíveis de apreensão de informações táteis. O mais comum é o uso de etiquetas em Braille, além disso podem ser realizadas descrições durante o processo de mediação “ao vivo” ou virtual com gravações em *podcast* como já apontei. Neste caso, o auxílio da Mediação se refere ao exercício do guia com apresentação pessoal ou auxílio para conexão de aparelhos digitais audíveis para acesso a tais descrições.

Outra estratégia adotada por instituições de Arte Visual é o desenvolvimento de projetos para a criação de Maquetes nas quais algumas Obra de Arte bidimensionais são convertidas em tridimensionais com o fim de estabelecer relações de caráter informativo/interpretativo para facilitar o acesso destas pessoas às Obras, abreviando ou minimizando a dificuldade que elas têm para acessá-las visualmente.



Um bom exemplo é o Programa Educativo para Públicos Especiais - PEPE, da Pinacoteca de São Paulo, no qual é disponibilizado o acesso tátil a esculturas e o acesso a maquetes realizadas a partir de obras bidimensionais do acervo.

Mediação Compartilhada. Quando se trata de obras complexas ou que apresentam recortes variados. Por exemplo, uma obra de um dado período pouco conhecido, de um artista diferenciado, de origens não reconhecidas ou não facilmente compreendidas, há a possibilidade de recorrer a mais profissionais para estabelecerem processos mediadores compartilhados com o fim de cobrir a maior parte das informações necessárias para sua compreensão.

Pode-se falar em *Mediação Comercial*, quando se trata de Galerias dedicadas ao comércio de Obras de Arte. Neste caso, em boa parte delas, os mediadores são os proprietários que detêm as informações necessárias sobre as obras, bem como sobre seu público preferencial, colecionadores e clientes com os quais negocia. Muitas galerias contam com assessorias, curadorias e mediadores que também atuam na mediação comercial.

Há ainda a possibilidade de ocorrerem *Mediações Informais*, ou seja, tentativas de estabelecer uma relação entre obras e apreciadores por meio de informações não programadas nem planejadas. Isto pode acontecer quando a instituição não investe em profissionais especializados para elaborar, apresentar e/ou acompanhar visitantes. Isto pode levar ao desestímulo já que, nem sempre, as informações disponíveis são completas ou fidedignas. Seria o pior caso de mediação possível.

Talvez este seja um caso de “*contra-mediação*”, mas isto não parece ser incomum nesta área já que o preparo educacional no campo da Cultura, em especial, da Arte Visual, é bastante precário. Também não é incomum, quando se visita uma instituição deste tipo, não ter qualquer recepção ativa que se apresente para mediar a visita. Em geral, o mínimo de orientação é dado por atendentes ou vigias que, por pena, tentam ajudar...

***15.2 - Buscando Métodos
e Processos mediativos.***

Ao pensar sobre Métodos e Processos para Mediação Artística, é necessário pensar também nos vieses que surgem ou estão implicados nestes procedimentos já que instituições e pessoas estão impregnadas de ideologia, portanto, que tipo de mediação e com quais objetivos é traçada. Nesta linha de raciocínio é impossível considerar a Mediação como uma “Tradução” de valores das obras para a linguagem usual sem contaminações.

Como se sabe, o campo da Arte Visual é bastante complexo e depende de conhecimentos específicos, neste caso os Métodos e Processos variam de caso para caso. Não há como estabelecer um só método ou um só processo para realizar projetos de mediação que sirvam para todas as circunstâncias, mas, trabalhar em cada uma das mostras e proposições segundo critérios específicos, por isto deve-se considerar as variações.

Contudo, as questões que mobilizam os projetos de Mediação devem levar em conta alguns parâmetros comuns. Para isto é necessário estabelecer algumas referências para o planejamento de processos mediativos. Neste sentido podem ser destacados alguns aspectos que atendam a todos eles, por exemplo, *Estágios* e *Etapas* envolvidas na elaboração e planejamento de atividades mediadoras que possam auxiliar sua configuração.

Pode-se dizer que há dois estágios principais na realização de projetos de Mediação em Arte Visual: Planejamento e Execução, cada um deles depende de algumas etapas de realização.

O Planejamento inclui:

- 1- Escolha ou identificação do tema, objeto ou objetos destinados à mostra.*
- 2- Características e necessidades inerentes à escolha e seus destinatários.*
- 3- Necessidades relativas ao ambiente da mostra, estrutura física, mobiliário e dinâmica de circulação, cuidados e proteção no espaço.*

Obviamente que esta lista pode ser ampliada na medida em que gestores, curadores e mediadores acordem quanto aos detalhes de cada mostra em função de suas características formais, estruturais e dimensionais.

O Planejamento tem por finalidade prever e facilitar a execução do projeto, portanto, quanto mais detalhado, melhor. Improvisar não é uma opção!

Executar é colocar algo em funcionamento, ou seja, fazer com que um projeto, algo planejado, seja realizado, de preferência, sem nenhuma falha. A Mediação não é a única, mas uma das partes do Projeto Curatorial e/ou Expositivo de uma instituição de Arte, contudo, é a que promove a interação com o público e mostra sua eficiência em cumprir sua principal função social que é promover a difusão cultural. Neste sentido, é importante que a visitação seja bem feita para o sucesso do evento.

Pode-se então destacar algumas Funções da Mediação:

Promover a Interatividade entre obras e público conectando saberes.

Criar relações dialógicas entre as obras e as pessoas evocando aspectos históricos, estéticos, conceituais e afetivos.

Destacar relações e vínculos socioculturais entre o contexto das obras e suas relações com a atualidade.

Estimular a integração das informações e conhecimentos aos valores estéticos e conceituais vigentes.

Ao criar meios e procedimentos que facilitem a construção de processos mediadores, ainda assim a sua execução depende do conhecimento, domínios, habilidades esforço das pessoas que se dispõem a atuar neste segmento profissional.

Quero destacar que este é uma área de atuação profissional, mesmo que não exista regulamentação específica, como em grande parte das atividades artísticas.

Em todo caso, pode-se relacionar domínios e conhecimentos necessários para desenvolvimento de tais projetos. Os domínios dizem respeito às habilidades pessoais afetivas como sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação, mas os conhecimentos são adquiridos. Pode-se dizer que os principais são:
Conhecimento sobre Arte Visual; conhecimento sobre as Obras de Arte; conhecimentos sobre autoria, períodos, estilos e tendências.

É desejável que tais conhecimentos já estejam de posse de quem realizará as atividades de Mediação, no entanto, muitas vezes, tal atividade é delegada a pessoas, normalmente chamadas de Monitores. Neste caso o treinamento da Monitoria é de responsabilidade dos promotores do evento, curadores, diretores e responsáveis por acervos. O que não se pode perder de vista é que a Mediação é também Educação.

A demanda por profissionais nesta área cresceu muito com o avanço de instituições dedicadas a eventos expositivos nas últimas décadas. Se, por um lado, uma boa parte da Arte Visual contemporânea, está sob a tutela do mercado, de outro, há necessidade contínua de formação de público, este é o nicho preferencial para a Mediação Artística. Eventos expositivos como as grandes mostras institucionais ou as grandes Feiras de Arte que vêm ocorrendo no mundo indicam esta tendência.

A Gestão em Arte Visual ou a Curadoria neste campo dependem de profissionais preparados para interagirem e estabelecerem diálogos com as pessoas. O mundo digital e em rede limita ou diminui as relações sociais pessoais, fazendo com que as pessoas percam os hábitos de conversarem entre si em situação real. Os eventos artísticos são momentos de interação e relacionamentos, se bem conduzidos, facilitam a apreciação e a valorização das manifestações artísticas.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO:

FRANZ, Teresinha Sueli. Mediação cultural, Artes Visuais e Educação. Biblioteca on-line. Santa Catarina, 2008. Disponível em: http://www.redeeducacaoartistica.org/docs/m_red/Teresinha%20Sueli%20Franz_Mediacao%20cultural%20Artes%20Visuais%20e%20Educacao.pdf.

HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LISBOA, Ana. Construção de uma metodologia para mediação: uma experiência no Instituto de Artes Contemporânea da UFPE. In: Arte em Pesquisa: especificidades.(ANPAP). Brasília, 2004, p. 32 a 39.

MARTINS, Miriam Celeste. Mediação: estudos iniciais de um conceito. Blogspot.com. 27 de Junho. 2007, pag 76. Disponível em: <http://equipearte.blogspot.com/2007/06/mediaoestudos-iniciaisde-um-conceito.html>. Acesso em: 20 de abril. 2009.

PILAR, Analice Dutra. Desenho e construção do conhecimento da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SCHLICHTA, Consuelo A. B.D. Leitura de Imagens: uma outra maneira de praticar cultura. Educação – Santa Maria (UFSM). V. 31 – n. 02, pg. 353-366. 2006.

LEITURAS INDICADAS:

<http://www.forumpermanente.org/>

<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/museus-como-zonas-de-contato-j-clifford>

http://www.forumpermanente.org/revista/event_pr/es/simp_sem/pad-ped0/documentacao-f/mesa_03/mesa3_moacir

<http://www.forumpermanente.org/revista/rede/numero/numero-nove/revisitando-um-projeto-politico-por-raquel-garbe>

http://www.forumpermanente.org/revista/event_pr/es/encontros/questoes-indigenas-e-museus/relatos/curadoria-exposicao-educacao-e-publicolotti

<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/da-mediacao-a-mediacao-o-jogo-duplo-do-poder-cultural-em-animacao>

http://www.forumpermanente.org/revista/event_pr/es/simp_sem/i-simposio-pesquisa-em-museologia/relatos/mediacao-cultural

https://www.brapci.inf.br/repositorio/2018/01/pdf_cd350de355_0000028818.pdf

Este é o última unidade de trabalho da disciplina.

Durante todo este percurso foi possível ter uma noção ampla das características dos processos que envolvem a Gestão em Artes Visuais e proporcionar a você as condições para exercer atividades nesta área. Para reforço e aferição dos conhecimentos, responda as questões e envie de acordo com a data prevista no cronograma da disciplina:

1. Como se caracteriza a Mediação em Arte Visual?
2. Qual a relação entre Mediação e Curadoria?
3. Em quais ambientes podem ser realizadas atividades de Mediação?
4. Quais são os Tipos de Mediação?
5. Quais os Objetivos da Mediação?

Com o cumprimento desta Unidade e a entrega das questões respondidas e dos planos de trabalho elaborados como projetos de Mediação definidos anteriormente, encerram as atividades da disciplina de Gestão em Artes Visuais.

Reforço, mais uma vez, que esta disciplina se propõe a estimular e promover o conhecimento sobre a área de Gestão e seus potenciais de entendimento e aplicação no contexto social.

Vários assuntos foram tratados, desde os conceitos gerais sobre Arte e Gestão, a formação e a inserção profissional do Bacharel em Artes Visuais, o Mercado de trabalho e de Arte Visual, questões gerais sobre coleções e exposições de Artes Visuais, projetos de Gestão, associações de classe e Mediação em Arte Visual. Este conjunto de informações é amplo e contribui para a consolidação do conhecimento na área de Arte Visual.